**MEU CASTELO OU CASTELINHO? UM ESTUDO SOBRE A TOPONÍMIA ASSOCIADA À GEODIVERSIDADE DA TRILHA DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS**

**Bruno César dos Santos1, x, Fernando Amaro Pessoa2, Breno Ribeiro Ferrari de Sá 2, João Miguel Carvalho Carius 2, Luana da Silva Pitzer 2; Fillipe Fernandes Rodrigues de Oliveira 2, Luiza Amaro Pessoa 3, Marcelo Soares Salomão 2 & Marcelo Faria Porretti 2**

**(1 Secretaria de Educação de Petrópolis, Praça Visconde Mauá - 305, Centro, Petrópolis, RJ; 2 Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ Campus Petrópolis, Rua do Imperador, 971 - Centro – Petrópolis/RJ; 3 Programa de Pós-Graduação em Geografia – UERJ – Rua São Francisco Xavier, 524 - 4º andar – bloco F – sala 4006, Maracanã - Rio de Janeiro, RJ.**

[**xbrunocesargeografia@gmail.com**](mailto:xbrunocesargeografia@gmail.com)**)**

**INTRODUÇÃO**

O município de Petrópolis, Região Serrana do Rio de Janeiro, possui cerca de 70% do seu território protegido por unidades de conservação (FREITAS *et.al.*, 2020), em que as atividades que contribuem com sua conservação podem ser observadas historicamente com a prática do montanhismo, entendido com uma prática esportiva e de lazer que se caracteriza pela ascensão em montanhas e elevações rochosas, por meio de caminhadas ou escaladas, com diferentes graus de dificuldade e tempo de duração (CBME, 2020).

Tais atividades, a partir dos percursos realizados em trilhas, podem gerar as mais variadas formas de apropriação por diferentes pessoas e grupos. Uma dessas formas de apropriação está nos nomes de feições naturais inseridas nas trilhas, tais como os rios e os cumes, tidos como topônimos ou nomes geográficos. Nesse sentido, esses nomes geográficos podem ser incorporados de diferentes formas, seja na cartografia da área ou na apropriação verbal realizada pela população local, o que nos leva ao debate sobre Toponímia e Geodiversidade em trilhas.

Enquanto a geodiversidade pode ser apontada como o equivalente abiótico da biodiversidade, a toponímia é a ciência dedicada ao estudo dos nomes geográficos, constituindo-se como um ramo da Onomástica, área de estudo dos nomes próprios (DICK, 1990; SANTOS, 2008; SOUZA, 2014). Rostaing (1948) definiu toponímia como uma “ciência que se propõe a procurar a origem dos nomes dos lugares e também a estudar suas transformações”. Menezes e Santos (2006) apontam que os nomes geográficos são como testemunhos do povoamento e ocupação, registrando e sinalizando as ações de diferentes povos, culturas e grupos linguísticos. Corrêa (2003) afirma que o topônimo, outro termo para expressar nomes geográficos, constitui-se como importante marca cultural, expressando uma forma afetiva de apropriação do espaço por um determinado grupo cultural, sendo uma marca identitária importante.

Assim, o presente trabalho tem como um dos objetivos, ainda forma introdutória, apresentar discussão sobre interpretação ambiental, a partir da Geodiversidade na trilha conhecida como “Meu Castelo” ou “Castelinho”, bem como dos topônimos e suas representações, sejam em documentos cartográficos oficiais, seja na percepção daqueles que frequentam o espaço.

Destaca-se a existência de estudos recentes sobre toponímia na Região Serrana (SOUZA, 2014; SANTOS, 2017), mas que a abordagem versa sobre a colonização e o processo histórico de formação das cidades de Petrópolis e Teresópolis. No Brasil, existem trabalhos que abordem topônimos de acidentes geográficos (SCHNEIDER, 2002; DIEDRICH, 2020). Contudo, para a Região Serrana, há uma lacuna no que diz respeito a essa abordagem toponímica, justificando o interesse e esforço presentes nesse trabalho.

**ÁREA DE ESTUDO**

A trilha em questão fica situada na localidade conhecida como “Morin”, inserida nos limites do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Parnaso). Apesar do pertencimento ao Parque, a entrada para a trilha não contém controle de acesso, sendo aberto para qualquer visitante. Portanto, ela é de fácil acesso à população e com um alto índice de visitação, está no distrito central e com transporte público que passa próximo ao início da trilha, além de ser considerada uma trilha de intensidade leve (OLIVEIRA *et. al.*, 2018).

Possui 2,6 km de extensão, 1.245 m de altitude em seu cume e 40 minutos em média de caminhada (NETO, 2008). A figura 1 apresenta a localização e o contexto em que a trilha se insere.

Figura 1: mapa de localização da Trilha “Castelinho” ou “Meu Castelo”

Fonte: adaptado de Porretti *et. al.*, 2018.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Para o desenvolvimento do presente estudo, quatro etapas metodológicas foram realizadas, sendo elas: aplicação de um questionário online utilizando a ferramenta Google Forms, composto por 6 questões e que ficou disponível de 07/04/2021 até 08/05/2021, sobre como a área de estudo era reconhecida pelos mais diversos usuários; identificação do cume “Meu Castelo” na carta topográfica do IBGE – 1:50.000 - folha Petrópolis e também na base do Open Street Map (OSM), para verificação da existência de topônimo em relação ao cume; elaboração de mapa de padrões de relevo, com base no informações disponibilizadas no Repositório Institucional de Geociências do Serviço Geológico do Brasil - CPRM (RIGEO - <http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/20479>), bem como a identificação da bacia hidrográfica em que a trilha e o cume estão inseridos, com base nos dados disponibilizados no Comitê de Bacia da Baía de Guanabara (<https://sigaaguas.org.br/sigaweb/apps/baia-de-guanabara/>); classificação dos topônimos identificados no trabalho a partir da taxionomia proposta por Dick (1990).

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A apresentação dos resultados do presente trabalho se dá da seguinte forma: discussão sobre as informações levantadas a partir do questionário disponibilizado; discussão sobre os topônimos referentes à área de estudo, presentes nas diferentes bases cartográficas apresentadas no trabalho; caracterização dos processos geológicos e geomorfológicos existentes na área de estudo, a partir do mapa de padrões de relevo e possíveis influências no estabelecimento dos topônimos, bem como a relação com a bacia hidrográfica em que a área está inserida; discussão sobre as motivações toponímicas para os diversos topônimos que aparecem na pesquisa, a partir da taxionomia proposta por Dick (1990).

***Dados a partir do questionário:*** O questionário ficou disponível por 31 dias, recebendo um total de 62 respostas.

A primeira questão aborda o local de residência dos participantes. Foram obtidas respostas como Petrópolis, Duque de Caxias, Magé, Rio de Janeiro, Teresópolis, Nova Friburgo e Niterói, sendo a maioria dos participantes (84,1%) residente de Petrópolis. A segunda questão reúne dados sobre a idade dos participantes e apresenta as seguintes opções: até 17 anos; de 18 a 24 anos; de 25 a 35 anos; de 36 a 50 anos; de 51 a 65 anos; e acima de 66 anos. A faixa etária com maior número de respostas foi de 36 a 50 anos, com 40,9% das respostas, seguida de 18 a 24 anos, com 22,7% das respostas.

As demais perguntas estão focadas em reunir informações sobre o topônimo em discussão. A terceira questão pergunta se já foram ao “Castelinho”, e 80% dos participantes responderam que sim. Já a quarta questiona o nome pelo qual eles conheciam o local, com as opções “Castelinho”, “Meu Castelo”, “Pedra da Boa Vista” e “Outros”. A opção “Castelinho” foi a que obteve maior porcentagem, de 93,5%. A quinta questão pede para que os respondentes contem a história de origem do nome que marcaram na questão anterior, sendo a única pergunta cujas respostas foram todas por extenso. Os resultados dessa questão foram variados, mas grande parte dos respondentes aludiram à semelhança que o topônimo tem com um castelo de rochas. Outros ainda falam sobre uma vista privilegiada e sobre Dom Pedro II, que teria apelidado o local de “Meu Castelo”. Na última questão pedimos para que os participantes perguntem para um membro mais velho de sua família o nome pelo qual ele conhece esse topônimo. As repostas obtidas foram “Castelinho”, “Meu Castelo”, “Pedra da Boa Vista”, “Castelo do Morin” e “Morin”, como aponta a figura 2.

Figura 2: gráficos de respostas das perguntas “Por qual nome você conhecia o local?” e “Você já foi ao Castelinho/Meu Castelo/Pedra da Boa vista?”.

A partir dos dados do questionário e do acesso a documentos oficiais que contém alguns dos nomes que apareceram no questionário e cartas topográficas foi possível o levantamento de algumas discussões. Como por exemplo, a diversidade de nomes associados a um mesmo local que pode ser atribuído pela comunidade e não necessariamente ser utilizado nos mapas oficiais. Apesar dessa não utilização, é imprescindível trazer para a discussão as diversas leituras históricas e geográficas que podem estar contidas nos nomes dados pela população local. No que tange os aspectos da interpretação ambiental, os fatores abióticos que compõem de maneira geral a geodiversidade fazem parte de uma leitura visual que também corroboram para a escolha dos topônimos.

***Análise da carta topográfica do IBGE – 1:50.000 - folha Petrópolis e base do Open Street Map (OSM):*** A carta topográfica, com destaque para a folha Petrópolis, também é de grande importância para esse estudo, pois a partir dela é possível ter acesso aos topônimos que foram utilizados no processo de criação da mesma. Dessa forma, podem-se observar diferenças entre os nomes utilizados nesse documento cartográfico e aqueles que estão mais presentes na região que esse reproduz, identificando também que alguns topônimos que já eram utilizados na época de criação dessa carta não estão presentes nela. Como por exemplo, o registro em documento histórico datado de 1932, conforme aponta figura 3, que já apresenta o topônimo Meu Castelo.

Figura 3: Documento da década de 30 com o registo do uso do topônimo Meu Castelo. Fonte: Imagem cedida pelo Centro Excursionista Petropolitano.

Mesmo assim, para a localidade do cume, nenhum topônimo consta na carta topográfica do IBGE, que foi elaborada na década de 1970, e a partir disso surge um questionamento sobre quais são os critérios utilizados para escolha dos topônimos dentro dessas cartas e por que um topônimo já utilizado em documentos da década de 1930 não está presente nelas. Frente a isso, é cada vez mais crescente o uso de outras bases cartográficas, como Open Street Map, sobretudo em aplicativos de navegação para usuários de trilhas, onde está presente o topônimo Meu Castelo. Tal situação se justifica, sobretudo, porque o Open Street Map é uma base aberta e colaborativa, sendo mais dinâmica e considerando os mais diversos topônimos que acabam não sendo contemplados nas bases oficiais. A figura 4 aponta essa diferença de representação dos topônimos nas diferentes bases escolhidas para o trabalho.

Figura 4: A - representação da trilha e cume “Meu Castelo”, contendo topônimo, a partir da base do Open Street Map. B - representação da trilha e cume “Meu Castelo”, sem o topônimo, a partir da carta topográfica do IBGE.

***Caracterização e relações a partir do mapa de relevo:***  Ao longo da trilha caminhamos sobre rochas com quase 800 milhões de anos, denominadas gnaisses, que podem ser facilmente reconhecidas por seu aspecto bandado (faixas claras e escuras) (Figura 5a). Elas são rochas metamórficas. Conforme chegamos ao topo, observamos outro tipo de rocha, denominado granito, que é mais homogêneo. Sua idade foi calculada em cerca de 480 milhões de anos e é uma rocha ígnea (Figura 5b).

Já o relevo da Serra do Mar foi formado há “apenas” cerca de 60 milhões de anos, a partir do surgimento das rochas existentes, que se formaram em profundidade. Alteração e erosão destas rochas durante milhões de anos esculpiram o relevo e as trouxeram à superfície da Terra para nossa apreciação.

Com base na geodiversidade, é possível sugerir que o nome Meu Castelo – Castelinho – deve-se à curiosa formação do cume (1.245 metros de altitude), parecido com um castelo de rochas. Ele é formado por blocos de granito com até 6 metros de altura, esculpidos pela ação da chuva e do vento. Do cume é possível visualizar pontos icônicos da paisagem fluminense, a baixada da Guanabara e os maciços costeiros do Rio de Janeiro ao sul (Figura 5c), como o Corcovado e o Pão de Açúcar, e ao lado norte a cidade de Petrópolis, com alguns bairros residenciais (Figura 5d).

Figura 5: diferentes paisagens da trilha. Fonte: Arquivos dos autores.

O percurso da trilha está inserido no padrão de relevo das Escarpas de Bordas de Planaltos, inserido na Região Hidrográfica da Baía de Guanabara, mas bem próximo do divisor com a Região Hidrográfica do Piabanha, conforme Figura 6. Esse padrão de relevo apresenta, de acordo com Shinzatu *et. al*. (2017), aspecto montanhoso, extremamente acidentado e transicional entre distintas unidades geomorfológicas, com amplitude acima de 300 metros e declividade entre 30 e 45 graus.

Figura 6: Mapa dos Padrões de Relevo no contexto da trilha no município de Petrópolis. Fonte dos dados: Repositório Institucional de Geociências do Serviço Geológico do Brasil - CPRM; Shinzato *et. al.* (2017).

***Caracterização dos topônimos a partir da taxionomia de Dick (1990):*** Para melhor compreensão, estabelecimento das diversas relações entre o meio e a sociedade que se apropria, transforma e, sobretudo, pertence a ele, em estudos sobre toponímia, é fundamental que haja a catalogação e sistematização dos nomes geográficos presentes em qualquer trabalho (MARCUZ, 2016). Nesse sentido, o trabalho de Dick (1990) consiste em importante referencial metodológico. Assim, tanto para as bases cartográficas utilizadas no presente trabalho, como para os dados levantados a partir do questionário, os topônimos foram classificados conforme o quadro 1.

Quadro 1: caracterização dos topônimos levantados nas diferentes fontes de pesquisa

|  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **TOPÔNIMOS LEVANTADOS NA PESQUISA** | | | | | | |
| **TOPÔNIMO** | **FONTE** | **NOME GENÉRIC0** | **NOME ESPECÍFICO** | **ORIGEM CULTURAL** | **TIPO** | **MOTIVAÇÃO** |
| CASTELINHO | QUESTIONÁRIO | NÃO CONSTA | CASTELINHO | PORTUGUESA | RELEVO | ECOTOPÔNIMO |
| MEU CASTELO | QUESTIONÁRIO E BASE OSM | NÃO CONSTA | MEU CASTELO | PORTUGUESA | RELEVO | ECOTOPÔNIMO |
| PEDRA DA BOA VISTA | QUESTIONÁRIO | PEDRA | da BOA VISTA | PORTUGUESA | RELEVO | ANIMOTOPÔNIMO |
| MORIN | QUESTIONÁRIO | NÃO CONSTA | MORIN | FRANCESA | RELEVO | ANTROPOTOPÔNIMO |
| CASTELO DO MORIN | QUESTIONÁRIO | NÃO CONSTA | CASTELO DO MORIN | PORTUGUESA | RELEVO | ECOTOPÔNIMO |

Os topônimos podem apresentar nomes genéricos, como Monte, Pedra, Rio, Serra, etc. Bem como apresentam a parte específica, que vai orientar sobre a origem cultural, e a motivação. Dessa forma, pode-se observar que as motivações toponîmicas (Dick, 1990) que surgiram foram: *ecotopônimo* - topônimo relativo às habitações em geral; *animotopônimo* - topônimo relativo ao comportamento psíquico, estado de ânimo, cultura espiritual; *antropotopônimo*: topônimo relativo aos nomes próprios individuais. Os topônimos “Morin” e “Castelo do Morin” apresentam relação com o “bairro[[1]](https://word-edit.officeapps.live.com/we/wordeditorframe.aspx?ui=pt-br&rs=pt-br&wopisrc=https%3A%2F%2Fcefetrjbr.sharepoint.com%2Fsites%2FExpediesdoCefetRJcampusPetrpolis%2F_vti_bin%2Fwopi.ashx%2Ffiles%2F91df94ee37cf45e78019e3bf465c76bf&wdenableroaming=1&mscc=1&hid=-790&uiembed=1&uih=teams&uihit=files&hhdr=1&dchat=1&sc=%7B%22pmo%22%3A%22https%3A%2F%2Fteams.microsoft.com%22%2C%22pmshare%22%3Atrue%2C%22surl%22%3A%22%22%2C%22curl%22%3A%22%22%2C%22vurl%22%3A%22%22%2C%22eurl%22%3A%22https%3A%2F%2Fteams.microsoft.com%2Ffiles%2Fapps%2Fcom.microsoft.teams.files%2Ffiles%2F3834507783%2Fopen%3Fagent%3Dpostmessage%26objectUrl%3Dhttps%253A%252F%252Fcefetrjbr.sharepoint.com%252Fsites%252FExpediesdoCefetRJcampusPetrpolis%252FDocumentos%2520Compartilhados%252FGeneral%252FCastelinho%252FSIGABI.docx%26fileId%3D91df94ee-37cf-45e7-8019-e3bf465c76bf%26fileType%3Ddocx%26ctx%3Dfiles%26scenarioId%3D790%26locale%3Dpt-br%26theme%3Ddefault%26version%3D21062906900%26setting%3Dring.id%3Ageneral%26setting%3DcreatedTime%3A1631730472945%22%7D&wdorigin=TEAMS-WEB.teams.files&wdhostclicktime=1631730472847&jsapi=1&jsapiver=v1&newsession=1&corrid=0777e21e-abb4-4f1e-b71f-5be535861049&usid=0777e21e-abb4-4f1e-b71f-5be535861049&sftc=1&sams=1&accloop=1&sdr=6&scnd=1&hbcv=1&htv=1&nbmd=1&instantedit=1&wopicomplete=1&wdredirectionreason=Unified_SingleFlush&rct=Medium&ctp=LeastProtected#_ftn1)” em que o cume se insere, tido como “Morin”.

***Relato sobre o nome Pedra da Boa Vista:*** Não foram encontrados registros concretos sobre esse nome, mas ele foi introduzido no questionário a partir do relato de um montanhista em um grupo de montanhistas. Ainda que esse nome não apresente grande popularidade e registros concretos foi decido inseri-lo no questionário, pois existe uma grande escassez de informação acerca dos topônimos da área. Foram obtidas duas respostas confirmando esse nome na pergunta cinco, que pede ao participante que pergunte a uma pessoa mais velha da família o nome pelo qual ela conhece esse topônimo.

**CONCLUSÃO**

A mudança desses topônimos ao longo do tempo e até mesmo os diferentes nomes para um mesmo local são ferramentas de análise interessantes para entender a apropriação da comunidade e os contextos históricos associados. Sendo assim, levantamentos sobre possíveis nomes atribuídos, se constam ou não nos mapas oficiais, trazem para o debate a riqueza contida nas diferentes interpretações de um mesmo local e na necessidade de pensar a valorização dessas histórias para além das representações oficiais. Também é possível pensar novas formas de representações cartográficas que contemplem esses nomes dados pela comunidade, sendo formas de reviver histórias que se perderam com o tempo e discutir novas formas de conhecimento para além das que norteiam as escolhas dos nomes oficiais.

Outra discussão que pode ser levantada a partir do presente trabalho, diz respeito à escassez de fontes confiáveis e registradas sobre a origem dos topônimos. Existem muitas informações com base no discurso dos mais diversos atores em relação aos topônimos do cume (montanhistas, moradores, guias de turismo). O registro através do discurso é de grande importância para estudos que envolvam a toponímia. Contudo, para a melhor sistematização possível das informações, é necessária também a existência de documentos que apontem para as diferentes origens, servindo de base para futuros estudos e correções de possíveis equívocos.

Para concluir o debate, é importante salientar que não existe “nome certo” ou “nome errado” atribuído às mais diversas feições da superfície terrestre. O que a discussão propõe é estimular o conhecimento sobre a origem desses topônimos, os diferentes grupos que os designaram e, principalmente, a sistematização dessas informações, a fim de que enriqueçam ainda mais a memória local e também as atividades que envolvam esses espaços.

**AGRADECIMENTOS**

À equipe do projeto de extensão “Expedições do Cefet/RJ *campus* Petrópolis”.

**REFERÊNCIAS**

ANTUNES FS (2017) GEOTECNOLOGIAS E CARTOGRAFIA HISTÓRICA NO AUXÍLIO À ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA ÁREA GÊNESE DE PETRÓPOLIS – RJ. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CBME – Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (2018). Princípios e valores do montanhismo brasileiro. Disponível em <<http://www.cbme.org.br/novo/wp-content/uploads/2018/07/principios-A5-2018-email.pdf>>. Acessado em: setembro de 2021.

Comitê de Bacia da Baía de Guanabara <<https://sigaaguas.org.br/sigaweb/apps/baia-de-guanabara/>>. Acessado em Junho de 2021.

CORRÊA RL (2003). A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA RL. e ROZENDAHL Z. (Orgs.). Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2003. p. 167-187.

DICK MVPA (1990). A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do Estado.

DIEDRICH MH (2020). TOPÔNIMOS E HISTÓRIA AMBIENTAL NO RIO GRANDE DO SUL. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Taquari. Lajeado, RS.

FREITAS T, MOURA N, FATEICHA B, SANTOS BC, PESSOA L, SALOMÃO M, PORRETTI MF, PESSOA FA (2020). UNIDADES DE CONSERVAÇÃO EM PETRÓPOLIS: UM ENSAIO SOBRE SUAS CARACTERÍSTICAS E POTENCIAIS. 9º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade..

MARCUZ LMM (2016). Topônimos do noroeste do Rio Grande do Sul – uma relação simbólica entre homem e lugar. 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Centro de Ciências Naturais e Exatas, Ufsm, Santa Maria,.

MENEZES P M L, SANTOS CJB (2006). Geonímia do Brasil: pesquisa, reflexões e aspectos relevantes. Revista Brasileira de Cartografia, n. 58/02.

NETO WGO (2008). Guia de Trilhas de Petrópolis. 1ª ed. Petrópolis.

OLIVEIRA FFR, PESSOA FA, PITZER LS, VIRGINIO MAS (2018). Desafios da gestão do uso público e gestão de riscos em uma trilha urbana: o caso do turismo no Morro Meu Castelo, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos-Rj. In: Fórum Internacional de Turismo Iguassu. Foz do Iguaçu.

PORRETTI MF, PESSOA FA, THOMPSON J, SALOMÃO MS, PITZER LS, CHAVES LD (2018). A TRILHA DO MORRO MEU CASTELO DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS - RJ COMO INSTRUMENTO DE ENSINO PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO CEFET/RJ CAMPUS PETRÓPOLIS. 7º Simpósio de Gestão e Biodiversidade. UFRRJ.

ROSTAING C (1948). Lês Noms de Lieux. 2a ed. Vendôme, Presses Universitaires de France, (Coleção Que Sais-Je, n. 176) 135p. Paris.

SANTOS BC (2019). LEVANTAMENTO DE REPRESENTAÇÕES DOS QUARTEIRÕES COLONIAIS DE PETRÓPOLIS E ANÁLISE COMPARATIVA A PARTIR DA PLANTA IMPERIAL COLÔNIA DE PETRÓPOLIS – 1854. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS CJB (2008). Geonímia do Brasil: a padronização dos nomes geográficos num estudo de caso dos municípios fluminenses. 2008. 340 f. Tese (Doutorado em Ciências em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SANTOS KS (2017). Toponímia e Cartografia Histórica de Teresópolis: Paisagem, Lugar e Significados. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro.

SCHNEIDER M (2002). UM OLHAR SOBRE OS CAMINHOS DO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE: A TOPONÍMIA DOS ACIDENTES FÍSICOS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Mato Grosso do Sul.

SHINZATO E, DANTAS ME, RENK JFC, GARCIA MLT, COSTA L (2017). Carta Geomorfológica: município de Petrópolis, RJ. Disponível em: <<http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/20479>> Acessado em Junho de 2021.

SOUZA BCP (2014). Os nomes geográficos de Petrópolis e a imigração alemã: memória e identidade. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

[[1]](https://word-edit.officeapps.live.com/we/wordeditorframe.aspx?ui=pt-br&rs=pt-br&wopisrc=https%3A%2F%2Fcefetrjbr.sharepoint.com%2Fsites%2FExpediesdoCefetRJcampusPetrpolis%2F_vti_bin%2Fwopi.ashx%2Ffiles%2F91df94ee37cf45e78019e3bf465c76bf&wdenableroaming=1&mscc=1&hid=-790&uiembed=1&uih=teams&uihit=files&hhdr=1&dchat=1&sc=%7B%22pmo%22%3A%22https%3A%2F%2Fteams.microsoft.com%22%2C%22pmshare%22%3Atrue%2C%22surl%22%3A%22%22%2C%22curl%22%3A%22%22%2C%22vurl%22%3A%22%22%2C%22eurl%22%3A%22https%3A%2F%2Fteams.microsoft.com%2Ffiles%2Fapps%2Fcom.microsoft.teams.files%2Ffiles%2F3834507783%2Fopen%3Fagent%3Dpostmessage%26objectUrl%3Dhttps%253A%252F%252Fcefetrjbr.sharepoint.com%252Fsites%252FExpediesdoCefetRJcampusPetrpolis%252FDocumentos%2520Compartilhados%252FGeneral%252FCastelinho%252FSIGABI.docx%26fileId%3D91df94ee-37cf-45e7-8019-e3bf465c76bf%26fileType%3Ddocx%26ctx%3Dfiles%26scenarioId%3D790%26locale%3Dpt-br%26theme%3Ddefault%26version%3D21062906900%26setting%3Dring.id%3Ageneral%26setting%3DcreatedTime%3A1631730472945%22%7D&wdorigin=TEAMS-WEB.teams.files&wdhostclicktime=1631730472847&jsapi=1&jsapiver=v1&newsession=1&corrid=0777e21e-abb4-4f1e-b71f-5be535861049&usid=0777e21e-abb4-4f1e-b71f-5be535861049&sftc=1&sams=1&accloop=1&sdr=6&scnd=1&hbcv=1&htv=1&nbmd=1&instantedit=1&wopicomplete=1&wdredirectionreason=Unified_SingleFlush&rct=Medium&ctp=LeastProtected#_ftnref1) Não existem bairros oficiais em Petrópolis. As delimitações municipais existentes são os Quarteirões, mas que são pouco usuais e, portanto, com pouca referência para a população (SOUZA, 2014; ANTUNES, 2018; SANTOS, 2019).